FELIZ ANO NOVO ★ FELIZ ANO

ANO VI ★ NÚMERO 271

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO ● ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS ● REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA», R. DE HOMEM CRISTO, 20 — TEL. 25886 — AVEIRO

Um sorriso para 1960

Um sorriso de criança — que outro sorriso deveria ser? — espontâneo, simples, ingénuo; o único sorriso que não dissimula intenções, que é apenas sorriso — mera atitude de natural alegria ante um futuro ignorado... — Foto de Abel Resende

Quantas páginas de História começam a escrever-se à mesa dos CAFÉS

ARTIGO DE ALVES MORGADO

FALAR dos cafés é fazer história — dizia Fialho. Não me refiro ao café bebida, mas ao café-local; não à delicada infusão da preciosa planta, que se saboreia com hierática volúpia, mas ao recinto público, fremente de vida, que as multidões frequentam com o prazer e a pontualidade de um ritual. Fialho tem razão. Quantas páginas de história começaram a escrever-se nos cafés? Não estavam o Chave de Ouro e a Brasileira do Rossio, em Lisboa, intimamente vinculados a duas épocas distintas e características do regime republicano em Portugal?

Acima de tudo, o café constitui demonstração bem viva do espírito gregário. Ali se agrupam, por mesas, as amizades de longos anos, as simpatias, as comunidades de sentimentos, as afinidades de espírito, as equivalências ideológicas, as inclinações recreativas, as tendências artísticas. Nomes sonoros na Literatura, na Imprensa, na Política, no Exército, na Armada, na Crítica, no Teatro, no Cinema, nas Artes Plásticas, na Tauromaquia, no Comércio e na Indústria, numa simbiose perfeita com ilustres desconhecidos e simples ociosos que vivem não se sabe de quê, ali dão «rendez-vous», todos com o mesmo objectivo: encontrar amigos com quem possam desenferrujar a língua. O café é a válvula de escape para as toxinas de um dia operoso; o derivativo para o «quotidiano monótono e brutal», o espreguiçar deleitoso dos músculos, principalmente os glóssicos...

Cada qual escolhe o café onde sabe encontrar aqueles que lhe interessam e cada café transforma-se, destarte, no centro de um meio especial, onde se reune uma classe de indivíduos definidos. Por assim dizer: uma corporação particular.

Cada mesa de café é uma pequena assembleia, muito parecida com a das Nações Unidas, pois nunca chegam a acordo sobre nenhum problema, por mais simples que seja. Todas as mesas-assembleias juntas formam a mais agradável casa de orates que se pode conceber e o mais delicioso «tohu-vabohu» que a eterna volubilidade do espírito humano pode arquitectar — como já reconhecia o fundibulário de «Os Gatos».

Mas esse «tohu-vabohu» palpitante de vida, com as suas controvérsias intermináveis, é precisamente o clima ideal para os clientes, todos crisálidas de Demóstenes com bastas moléculas polemísticas.

No século passado, o café era a instituição mais sólida da França, segundo um escritor inglês. «Do Café de Foy, ao Palais-Royal — escreve Wysant — saiu Camilo Desmoulin para lançar o primeiro grito da Revolução nascente. No Café de

Continua na página 4

O velhíssimo NOVO ANO

ARTIGO DE JORGE MENDES LEAL

COM o olho coruscante profissionalmente apontado sobre a bola de cristal, muitos e profundos magos penetraram já os acontecimentos que se verificarão ao longo de 1960. Nada de extraordinário, afinal: quatro furacões, dois terremotos, cinquenta naufrágios, doze satélites russos e trinta americanos. Meia dúzia de saturados actores cinematográficos morrerão, como é da praxe, de colapsos cardíacos; a princesa Soraya trocará definitivamente o elegante Orsini pelo nababo prussiano Krupp von Bohlem; e os estadistas das grandes potências, velhos apreciadores do esfusiante champanhe Pol Roger, bebê-lo-ão divertidamente ao cabo de mais uma conferência de alto nível. Não haverá guerra, porque os alemães continuam entretidos com o fabrico dos carros «Volkswagen» e ninguém como eles sabe fazê-la ao natural e numa escala aceitável; mas a chamada «beligerância de nervos», episòdicamente esquecida em proveito dumas escaramuçazitas a sério na América e na África, manterá a sua qualidade de prato forte para os jornais esgotados de assunto. Impossível qualquer transformação. O apuramento universal da mais bela entre as mulheres estúpidas realizar-se-á algures na Flórida, Stirling Moss vai ser o primeiro em diversas corridas, três filhos ou filhas de reis sem trono casarão com abastados espécimes da fauna burguesa. Lògicamente, e desde que qualquer golpe de teatro não subverta a geografia estabelecida, Portugal não deixará de apelidar-se o cantinho da Europa — doirada terra do clássico «Porto» e da emoliente canção de Alfama, do bom hóquei em patins e dos ilustrativos pescadores da Nazaré. Ainda que o insigne Miguel Torga não obtenha as almejadas honras dum Prémio Nobel, o público pode esperar sucessos doutra monta: os discos da magnífica Amália talvez se vendam no Cairo e José Júlio cortará orelhas em Madrid e Sevilha. As coisas correrão pelo melhor. Apesar dos incríveis progressos da ciência, o divino Eça não regressará à vida para processar os espantosas cineastas do «Primo Basílio»; o País não sofrerá os horrores de nenhuma epidemia, as maternidades divulgarão a técnica do parto sem dor, registar-se-á um notável decréscimo na louca estatística dos acidentes de viação. Apenas se receia — negra hipótese discordante! — que algum aveirense parta uma perna num dos vinte mil buracos harmoniosamente distribuidos pelas ruas da cidade...

Ao leitor, claro, desagradam estas previsões ensossamente normais. Quereria que se produzisse alguma coisa de novo, de insólito, de fustigante, de tremendo. Por exemplo: que o chão europeu estalasse ao contacto dos blindados soviéticos e os foguetões de Cap Canaveral tomassem bèlicamente o caminho de Moscovo, Leningrado, Sebastopol — tudo isto sem embargo de, no fim, todos nós sobrevivermos còmodamente para uma leitura pacata doutra «25.ª Hora». E, daí, talvez lhe bastasse que a já referida Soraya desse em apaixonada esposa dum violinista zíngaro ou que um português batesse o «record» mundial dos quatrocentos metros barreiras. Desiluda-se, porém. O correio não lhe trará a miss Universo-1960 embalada em papel de seda, nem aquele agradável ceguinho lhe venderá o prémio gigante da lotaria da Santa Casa. Só o seu mavioso espírito, caro amigo, há-de teimar em permanecer atafulhado de esperanças, de ideais, de aprimorados sonhos onde ponteagudas núvens de marfim rompem núvens lamacentas. O ano-bébé figura-se-lhe róseo, delicado, surpreendente, pueril, com uma vaga auréola de pó de talco e sugando entre belos sorrisos publicitários uma chupeta supersónica. Mas nós temos obrigação de o conhecer: pratica há milénios esta farsa do nascimento e — malandro! — sabe esconder nas fraldas a «gilette» com que se barbeia ao despontar de cada Janeiro...

1 DE JANEIRO

NOVO ★ FELIZ ANO NOVO ★ FELIZ

Arides & Ircílio, Limitada

Por escritura pública de 26 do corrente mês e ano, lavrada nas notas do notário desta cidade — Dr. Américo Gomes de Andrade e Oliveira — entre os srs. Arides Pires da Rosa e Ircílio Rodrigues Coelho, foi constituída uma sociedade por cotas de responsabilidade limitada, nos termos e sob as cláusulas constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a firma «Arides & Ircílio, Limitada», terá a sua sede e domicílio na freguesia da Glória, desta cidade; durará por tempo indeterminado e o seu começo há-de contar-se desde o dia 1 de Janeiro de 1960.

2.º

O objecto da sociedade é o comércio de artigos e material eléctrico, compra, venda e reparações de aparelhos de radiodifusores e outros aparelhos eléctricos. Poderá dedicar-se a outra actividade mediante acordo dos sócios e desde que para ela não seja necessária autorização especial.

3.º

O capital social, em dinheiro já entrado na Caixa, é de 20 000$00, formado por uma cota de 15 000$00 pertencente ao sócio Arides Pires da Rosa e outra de 5 000$00 pertencente ao sócio Ircílio Rodrigues Coelho.

4.º

Os sócios não são obrigados a fazer suprimentos à Caixa. — Mas poderão fazê-lo, com ou sem juro, e nas demais condições estipuladas pela Assembleia Geral.

5.º

Ambos os sócios são gerentes, sem caução nem remuneração. — A cargo do sócio Coelho fica, especialmente, a gerência da parte técnica da sociedade. — A cargo do sócio Arides fica, especialmente, a gerência comercial da dita sociedade. — Para obrigar a sociedade em Juízo e fora dele é necessário e suficiente a assinatura do gerente Arides Pires da Rosa.

6.º

Nenhum dos sócios pode ceder a sua cota ou parte da sua cota sem autorização, por escrito, do outro sócio.

7.º

As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas expedidas com a antecedência mínima de cinco dias, sempre que a Lei não determine formalidades especiais.

8.º

O ano social é o civil. — Até o último dia de Fevereiro de cada ano, será dado balanço referido a 31 de Dezembro anterior. — Os lucros líquidos, se os houver, depois de deduzida a percentagem de 5 % para a realização ou reintegração do fundo de reserva legal, serão igualmente repartidos pelos dois sócios.

9.º

No omisso, regularão as disposições da Lei de 11 de Abril de 1901 e as da demais legislação aplicável.

Aveiro, Secretaria Notarial, 29 de Dezembro de 1959

O Ajudante da Secretaria,

Raul Ferreira de Andrade

Secretaria Judicial de Aveiro

Instrução Preparatória

AVISO

2.ª Publicação

Tendo-se averiguado que, de cima de uma mesa situada num compartimento de uma casa de habitação, cuja janela dá para o pátio, na Costa Nova e cujo locatário não foi possível identificar, furtaram, em 8 de Agosto do ano findo, uma volta de ouro com cruz, convidam-se as pessoas lesadas a comparecerem nesta Secção, onde lhes serão tomadas declarações no processo respectivo.

Aveiro, 14 de Dezembro de 1959

Litoral • Aveiro, 1-1-1960 • N.º 271

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado — CENTRAL. Domingo — MODERNA. Segunda-feira — ALA. Terça-feira — MORAIS CALADO. Quarta-feira — AVEIRENSE. Quinta-feira — SAÚDE. Sexta-feira — OUDINOT.

Pela Legião Portuguesa

A conferência do Eng.° José de Bastos Xavier

Promovida pelo Centro de Estudos Político-Sociais de de Aveiro, realizou-se na penúltima sexta-feira, na sala de conferências do referido Centro, a anunciada conferência do sr. Eng.° José de Bastos Xavier sobre «Ausência de Cristianismo».

Presidiu o sr. Coronel Diamantino do Amaral, Comandante Distrital da L. P., que se fez ladear pelo conferencista e pelo sr. Eng.° Cunha Amaral.

Entre a assistência, que enchia por completo a sala, viam-se, além de outras entidades, os srs. Dr. Fernando Marques, Governador Civil Substituto; Mons. Aníbal Ramos, Reitor do Seminário; P.e António Resende; Dr. António Rodrigues, Presidente da Junta Distrital de Aveiro; Dr. Vítor Gomes, Presidente do Grémio da Lavoura; Dr. Ferreira Neves, Vice-reitor do Liceu; Dr. José Gomes Bento, professor do mesmo Liceu; Dr. João Raposo, Vice-presidente da Câmara; Pedro Grangeon Ribeiro Lopes; e António Bastos Xavier, Vice-presidente da Câmara de A'gueda.

Aberta a sessão, pelo sr. Coronel Diamantino do Amaral, o sr. Eng.° Cunha Amaral fez a apresentação do sr. Eng.° Bastos Xavier, de quem traçou o perfil, como homem de pensamento e profissional distinto, referindo-se, a seguir, a alguns dos livros que publicou.

O consagrado autor dos «Novos Claustros da Montanha» começou por analisar o problema religioso na Idade Média, afirmando que foi a Igreja, com a sua hierarquia e a sua disciplina, que teve de assegurar a ordem social quando da queda do império romano, referindo, a dada altura: «Foi este um dos momentos mais belos da História. Mais: aquele em que a pessoa humana, com todos os direitos inerentes à sua criação divina, substitui o indivíduo, sem direitos, quase sem vontade, diante da omnipotência do Estado Romano. Com efeito, na Idade Média, o homem procura, acima de tudo, Deus.»

Sempre escutado com o mais vivo interesse, o orador apontou, depois, as causas da ausência de Deus na Renascença e na actualidade: primeiro, o homem procura-se a si mesmo; e, mais tarde, as actividades culturais ou científicas, muitas vezes de natureza anti-humana, acabam por subverter o homem.

Ao concluir o seu notável trabalho, o sr. Eng.° Bastos Xavier demonstrou que a Religião no Mundo não pode ser substituída pela Ciência, nem por normas empíricas capazes de trazerem felicidade ao homem. «A Humanidade — disse — anseia pela felicidade eterna, e essa só lhe poderá ser dada pelo Cristianismo; é essa toda a sua glória.»

Seguiu-se um animado debate em que intervieram os srs. Coronel Diamantino do Amaral, Mons. Aníbal Ramos, P.e António Resende, Eng.° Cunha Amaral, Dr. José Gomes Bento e Dr. Fernando Marques.

Transportes Colectivos

Dos Serviços Municipalizados, recebemos o seguinte amável e oportuno esclarecimento, sobre uma nota publicada nestas colunas:

Ex.mo Senhor
Director do LITORAL
Aveiro

O Conselho de Administração destes Serviços, em sua reunião de 23 de Outubro do corrente, deliberou que: ...«logo que possível, seja estudada uma remodelação dos horários das carreiras /.../ aproveitando-se a oportunidade para alterar a carreira 2, que passará a ter o seu percurso até ao limite da cidade, junto aos lavadouros de Esgueira.»

Apraz-me informar que o estudo está em vias de conclusão, depois do que será incluído no processo a submeter à aprovação superior.

A este assunto se refere uma local do jornal n.° 268 que V. Ex.a distintamente dirige.

Apresento a V. Ex.a os meus respeitosos agradecimentos.

Aveiro, 15-12-1959

O Presidente do Conselho de Administração,

a) JOÃO RAPOSO

Rotary Clube

Na penúltima segunda-feira, efectuou-se, no Restaurante Galo d'Ouro, mais uma reunião do Rotary Clube de Aveiro. Presidiu o sr. Eng.° José Pereira Zagalo, que convidou para a costumada saudação à Bandeira Nacional o antigo Presidente do Rotary de Aveiro sr. Eng.° Luís Correia de Sá.

Após esta cerimónia, e novamente no uso da palavra, o sr. Eng.° Pereira Zagalo referiu-se aos bodos de Natal que o Rotary aveirense este ano ia distribuir por diversas instituições locais — Florinhas do Vouga, Asilo e Albergue — e por numerosas pessoas necessitadas, e falou ainda sobre a possibilidade do Clube vir a criar, num futuro próximo, uma obra social de largo alcance.

No protocolo, o sr. Carlos Grangeon Ribeiro Lopes apresentou cumprimentos de Boas-Festas aos presentes e anunciou para o dia 11 do corrente a visita a Aveiro do Vice-presidente do Rotary Internacional, sr. Prof. Doutor Salazar Leite, que proferirá uma palestra subordinada ao tema «Aspectos Internacionais do Movimento Rotário».

O Secretário do Clube, sr. Carlos Gamelas, ocupou-se do expediente, em que se contavam numerosos cartões e mensagens de Boas-Festas de clubes rotários nacionais e estrangeiros.

Em substituição da habitual palestra, iniciou-se, então, um debate sobre a referida obra social que o Rotary Clube de Aveiro tenciona instituir. Foram analisados os prós e os contras de várias sugestões apresentadas — Colónia Balnear Infantil, Escola Primária, Jardim-Escola e casas para famílias pobres —, ficando o assunto para se resolver em definitivo em nova reunião. Intervieram no debate os srs. Egas Salgueiro, Eduardo Cerqueira, Eng.° Nóbrega Canelas, Dr. Paulo Ramalheira, Carlos Alberto Machado, Carlos Grangeon Ribeiro Lopes, Carlos Aleluia e Eng.° Pereira Zagalo.

Das soluções apontadas, a que reune, de momento, maiores probabilidades de vir a ser escolhida é a criação da Colónia Balnear Infantil, dado que o Clube conta já com a oferta de um terreno com 1 500m².

Finalmente, o sr. Eng.° Pereira Zagalo encerrou a reunião, congratulando-se com o seu brilhantismo e interesse, renovando os votos de Boas-Festas e saudando os representantes da Imprensa.

Jogos Florais da Ria de Aveiro

Com o patrocínio das Fábricas Aleluia, o *Boletim de Canelas* — semanário da comunidade paroquial de Canelas (Estarreja) — promoveu, conforme anunciámos, os primeiros Jogos Florais da Ria de Aveiro.

O certame constituiu um assinalável êxito, tendo sido presentes ao júri 804 quadras de muitas dezenas de concorrentes.

Registando o triunfo alcançado pelo *Boletim de Canelas*, felicitamos o seu ilustre Director, Rev.o Padre José Reinaldo de Sousa e Matos, e transcrevemos a quadra que alcançou o 1.º prémio, da autoria de Manuel António Mota de Pina, de Oliveira do Bairro:

Se foi Jesus quem pintou
Esse azul que a Ria tem,
Com certeza o copiou
Dos olhos da Virgem-Mãe!...

Pela Brigada Técnica da IV Região

Assistência técnica à Lavoura

Integradas num grande movimento de assistência técnica à Lavoura, sob o alto patrocínio do sr. Secretário de Estado de Agricultura, foram tomadas pela Direcção Geral dos Serviços Agrícolas várias disposições no sentido de ser prestada assistência às explorações agrícolas dos agricultores interessados, em todos os concelhos e freguesias do País.

Para o efeito, a IV Região Agrícola foi dividida em quatro núcleos de assistência técnica dependentes da *Brigada Técnica de Aveiro*, com sedes em Aveiro (Avenida de Artur Ravara, n.° 2), em Coimbra (Avenida de Fernão de Magalhães, n.° 33-A), na Figueira da Foz (Rua da República, n.° 28) e em Oliveira de Azemés (Rua de Bento Carqueja). Estes núcleos encontram-se dotados de técnicos a quem incumbe prestar assistência a todos os concelhos da Região.

Entre outras medidas está prevista a sua permanência, pelo menos um dia por semana, na sede de cada Grémio da Lavoura, a fim de receberem todos os pedidos de assistência dos agricultores dos respectivos concelhos.

Os dias designados para a permanência dos técnicos nos concelhos do núcleo de Aveiro são os seguintes:

Sábado — Águeda, Ílhavo e Mealhada; *2.ª-feira* — Cantanhede e Mira; *3.ª-feira* — Aveiro; *4.ª-feira* — Albergaria-a-Velha; e *6.ª-feira* — Anadia, Oliveira do Bairro e Vagos.

Iluminação pública

Na antevéspera do Natal, e com a presença de diversas entidades, foi inaugurada a rede de iluminação pública e doméstica nos lugares do Viso e Caião, da freguesia de Esgueira.

O melhoramento causou compreensível regozijo entre a população dos referidos lugares.

«Companha»

A ausência, na decorrente quadra festiva, de muitos dos redactores do suplemento literário do Litoral, alguns dos quais se encontram no estrangeiro, aconselhou a conveniência de publicar um número duplo (4-5) com o número deste semanário de 30 de Janeiro corrente.

«Correio do Vouga»

O semanário aveirense *«Correio do Vouga»*, jornal católico e órgão da Diocese, publicou um número Natal que, no aspecto gráfico, muito honra o autor do seu arranjo artístico e a indústria tipográfica que o realizou.

Muito nos apraz esta sincera afirmação de justiça, daqui endereçando as nossas felicitações particularmente a Gaspar Albino, a cujos méritos muito deve também COMPANHA, suplemento literário do *Litoral*, que conta o jovem e talentoso artista aveirense no número dos seus orientadores.

Estudos de monotipia

Exposição de José Paradela e Emanuel Macedo

Encerra-se hoje, no Salão do Centro Recreativo dos Oficiais Náuticos, em Ilhavo, uma curiosa exposição de estudos de monotipia dos jovens artistas José A. Paradela e Emanuel A. Macedo. Usando uma técnica quase desconhecida, estes jovens trouxeram, efectivamente, com os seus trabalhos plenos de imaginação, uma lufada de ar fresco que veio vivificar o nosso acanhado meio artístico.

Parabéns aos jovens José Paradela e Emanuel Macedo. Os trabalhos que tivemos ocasião de ver são seguros indícios de voos mais alentados. O *Litoral* felicita-os e congratula-se vendo que novos e valiosos elementos aparecem para o mundo da arte.

Homenagem ao Dr. Manuel das Neves

Um numeroso grupo de amigos e correligionários do conhecido advogado sr. Dr. Manuel dos Neves, congratulando-se pelo feliz restabelecimento da recente doença que o atormentou, presta-lhe significativa homenagem no próximo domingo, 3 do corrente, no decurso de um almoço de confraternização democrática que se realizará no Hotel Beira-Ria, na Costa Nova.

Benemerência

O sr. José Ferreira da Costa Mortágua, em nome da *Mobil Oil Portuguesa*, de que é digno Inspector, entregou 100$00 a cada uma das seguintes instituições: Albergue, Florinhas do Vouga, Sopa dos Pobres, Conferências de S. Vicente de Paulo e Gota de Leite.

Vida comercial

Na véspera de Natal, abriu ao público, aos números 4 e 6 da Praça do Eng.º Frederico Ulrich, um moderno e bem fornecido estabelecimento de utilidades — *Cinderela* — da Sociedade Comercial de Representações, Limitada.

À nova casa, que muito veio enriquecer a Ponte-Praça — o ponto mais central da cidade — desejamos as maiores prosperidades comerciais.

Quantas páginas de História começam a escrever-se à mesa dos Cafés?

Continuação da primeira página

a Régence, praça do Theâtre Français, o jovem Bonaparte dissimulava na prática do xadrez a sua impaciência para dirigir, sobre o mapa-mundi, os regimentos de Napoleão».

Também os dois cafés do Rossio lisboeta, recentemente desaparecidos, tiveram certa influência no curso dos acontecimentos políticos da Primeira República. A Brasileira de «Baixo» — assim classificada para a distinguir da Brasileira do Chiado, a de «Cima» — foi durante os primeiros anos do regime um verdadeiro quartel-general do partido dominante — o Partido Republicano Português, vulgo «democrático». O Chave de Ouro foi o quartel-general da reacção ao partido dominante. Da Brasileira de «Baixo», por exemplo, saiu grande parte da hoste que dissolveu, à bordoada, o ministério Fernandes Costa, quando este tomava posse, em conjunto, num salão do Terreiro do Paço; no Chave de Ouro, por seu turno, levedaram as ideias e as forças que conduziram ao governo autoritário de Sidónio Pais, precursor do actual regime.

Com efeito, é nos cafés que se decidem muitos negócios, políticos ou comerciais, sentimentais ou artísticos. E' nos cafés que nascem muitas intrigas políticas e até escolas literárias e artísticas; é neles que se geram os boatos e as correntes de opinião; que se fazem e desfazem reputações; que se entronizam e se apeiam ídolos. Como diz um escritor espanhol, «é o café que contribui para o êxito ou inêxito de uma peça; para o lançamento ou liquidação de modas; para a manutenção ou queda de um ministério». «Si no hubiera cafés, se gubernaria mejor» — acrescenta Molina.

O café de cunho acentuadamente revolucionário desapareceu, pràticamente, da vida portuguesa. Os próprios cafés do Rossio, imolados ao fomento da indústria bancária, havia muito que já não tinham carácter político. Aquele famoso café, de cor bolchevique, que em plena Baixa se celebrizara com a pintoresca antonomásia de «Cabeça do Touro», fora o primeiro a desaparecer.

Ficou apenas o café-isótopo de academia, o café-cenáculo, o café onde as pessoas se reunem para falar de tudo, e, principalmente, para dizerem mal de tudo. O café deste tipo é eterno. Se um desaparece do centro da cidade, nasce logo outro em qualquer parte. A urbectasia lisboeta não pára, e à medida que progride, devorando as quintas da periferia, surgem novos cafés, amplos, arejados, barulhentos, filhos legítimos dos que se vão sacrificando às imposições de urbanização, ao predomínio de actividades mais ricas, ao poder aliciante das notas de banco. Por muito rendoso que seja o negócio da venda do café à chávena, nenhum proprietário saberá resistir à tentação de ganhar, de uma assentada, uns tantos milhões de escudos.

Desaparecido um café, a clientela espalha-se pelos estabelecimentos congéneres mais de acordo com a sua idiosincrasia — e a vida continua. Não obstante, cada café que morre é uma «família» que se dispersa e um mundo de recordações que se dissolve. A's vezes, como no caso do Parras e do antigo Nicola, é uma época inteira que se afunda em cada pedra sacrificada à picareta demolidora.

Quantos nomes gloriosos, na Literatura e na Ciência, na Arte e na Política, imortalizaram cafés do passado e ilustram cafés do presente? Quantos poetas procuram neles, desde Bocage a Fernando Pessoa, a inspiração para os seus poemas? Quantas tertúlias de filósofos e artistas se acomodaram em redor das chícaras fumegantes, para ventilar, numa abstracção alheia ao ambiente caótico, transcendentes problemas de metafísica ou formosos temas para obras de arte magníficas? Haverá algum homem notável que não tenha, em qualquer época da vida, frequentado um café?

Alves Morgado

CLUBE DOS GALITOS

ASSEMBLEIA GERAL

Convocação

Nos termos da alínea a) do artigo 22.º e da primeira parte do artigo 24.º dos Estatutos, *convoco para as 20 30 horas do dia 13 de Janeiro de 1960*, a Assembleia Geral do Clube, a fim de reunir:

1.º — em sessão EXTRAORDINÁRIA, para discutir e votar a proposta de alteração dos Estatutos apresentada pela Direcção;

2.º — e, em sessão ORDINÁRIA, que imediatamente se seguirá à primeira, para:

a) Discussão de qualquer assunto de interesse para a Colectividade.

b) Leitura, discussão e votação do Relatório e Contas da Gerência de 1959.

c) Eleição dos novos Corpos Gerentes.

Se não se reunir, à hora marcada, o mínimo de sócios referidos na alínea a) do art.º 20.º, a Assembleia funcionará com qualquer número, uma hora depois, nos termos da alínea b) do aludido artigo.

Aveiro, 30 de Dezembro de 1959

O Presidente da Assembleia Geral em Exercício,

a) *Francisco de Assis Ferreira da Maia*

Direcção de
Jaime Borges e Pereira da Silva

Væ victis!

O "Zé" desceu à plateia

Crónica de MANUEL PEREIRA GAMELAS

SÃO vinte e uma horas. No átrio do teatro, domina uma atmosfera pesada. Fumo e só fumo. Tentando aderir ao odor do tabaco, diferentes qualidades de perfumaria percorrem os quatro cantos do recinto. Dir-se-ia que um revolucionário género de publicidade andava em actividade pública. Extasiam. Mais: embriagam. Impelidas por muros de cabelo e peles glabras e suculentas transfiguram o ambiente do nariz do «Zé». — Que porcaria! — murmura. Assoa-se. Um som pesado ecoa. Aprecia o muco. Dobra o lenço. Revira-se. Um encanto, dispéptica segundo a comprida língua da opinião alheia, sobe compassadamente a escadaria. O «Zé» vacila. Sorri. Mexe os lábios. Aquele meneio de ancas... Ah?! «*Salomé na dança dos Sete Véus*». — Que pedaço! — exclama voluptuosamente. O dobrar do joelho, o lançar da coxa, o pousar meigo do pé, o riso semi-triste, a boca levemente aberta, as sobrancelhas rapadas, o cabelo semi-penteado, são a analogia perfeita da diva. Mais! A candura desta é mais sedutora. Prende. Magnetiza. — Isso: íman, íman — exclama o «Zé».

*O operador dá sinal de que vai começar o espectáculo. O «Zé» é arrastado pela mole de gente. Irrita-se. — Que modos! De novo o perfume. Nova assoadela. O som é o ribombar dum trovão. O bigode fica perlado com pequenos salpicos do húmus mucoso. Olha a árvore de Natal! — murmura de lado um delinquente. Risos. Graças. O «Zé» não dá conta. Metido na sua samarra, acompanha a arrumadeira. Senta-se alambazadamente no lugar. De novo o lenço no nariz. Esfuma-se a árvore. O aspecto agora é normal. Advertem-no a tirar o chapéu. — Que esquisitice! — magica. Mas... É um dos cínicos de «*Dilema*»! (*) Claro!... A senhora do seio «psicológico» estava uma fila à sua frente. Como coelho em busca de cenouras, continuava a perseguição.*

A sala fica privada de luz. Um facho rápido projecta-se no «écran». Uma música forte ecoa na sala. O «Zé» assusta-se. Olha para os lados. Narizes aduncos perfilam-se em sinal de compenetração. Nem só aduncos: Rechonchudos, chatos... Lembram-lhe os perfis das beatas na missa. Suspira. Olha a tela. Paisagens prenhes de viço descritas por uma voz melosa atraiem o subconsciente dos espectadores. — Olha, parece a minha quinta! — exclama alto. Sinais de irritação sobem no ar viciado. O «Zé» cala-se. Acompanha o ritmo da fita. A música encanta. A voz entorpece.

Na tela projecta-se um jornal de actualidades com a habitual passagem de modas. Os modelos apresentam uma série de linhas-saco. — Que gordinhas. — cicia. O aspecto era de... gravidez. Antes, de ânfora. Ah, ah, ah. — ri. Ânfora! Bem visto. Mulheres-ânfora!... Ah, ah, ah... — Que ridículo! — berra. Risos sonoros. Olham-no cìnicamente. As mulheres, claro. Os homens, interiormente, felicitam-no. Cala-se. Pela mente perpassam-lhe aqueles modelos que viu nas ruas da cidade. Saia acima do joelho, colo redondo...

Intervalo. De novo o átrio. Tabaco. Perfume. Suor. Risos. Tosse. Assoadelas. Mulheres. Todo o meio ambiente cinematográfico. Chuchar de rebuçados. Murmúrios de bisbilhotices. Apreciação de vestidos, sapatos, chapéus, penteados, risos, posições de corpo...

De novo o sinal do operador...

O filme é de «suspense». Intrincado demais para a ténue intelectualidade do «Zé». Adormece. Hithcoch é o suporífero. Ressona. Tocam-lhe no braço. Estremece. Endireita-se. No «écran», cenas turbulentas perturbam as mentalidades humanas. — Que trampa! — glosa. A cabeça pende-lhe. Surge de novo o ressonar. Nova pancada. Infrutífera. A dose do suporífero foi demasiada. Deixam-no.

Chega o fim. A arrumadeira vai acordá-lo. Levanta-se. Boceja. Sai. A tarde vai a agonizar. Está fresco. Aconchega-se. Pela massa encefálica rodopiam alinhavos do que viu. Montes, revólveres, beijos, linhas-saco... Ânforas, está visto. Boa tese para mais uma cavaqueira no tribunal de Péricles.

(*) *Artigo publicado nesta página pelo autor*

cartões de Visita

FAZEM ANOS:

Hoje — As sr.as D. Júlia Seabra Cancela Duarte, esposa do sr. Severim Duarte, e D. Olímpia Neto, esposa do sr. António Gomes Patarrana.

Amanhã — As sr.as D. Carmen de Seabra Ferreira Neves, esposa do sr. prof. Severiano Ferreira Neves, prof.a D. Maria Susana Branco Pinto, esposa do sr. Manuel Alves Barbosa, D. Maria Carolina Barroso de Vilhena, esposa do sr. Firmino de Vilhena Camelo Ferreira, D. Alice da Silva Pinho Seiça Neves, esposa do sr. Dr. Fernando Alberto Curado Seiça Neves, médico em Relíquias, e D. Maria da Conceição de Melo Vilhena; os srs. Horácio Andrade de Carvalho e Cesário da Graça e Melo; e os meninos João José Picado da Naia, filho do capitão da Marinha Mercante sr. José Estêvão da Naia, e José Luís, filho do sr. José Vieira da Maia Romão.

Em 3 — O nosso colaborador Dr. Joaquim Henriques; os srs. Dr. Fernando Calisto Moreira, Luís Resende de Lima e Baptista de Jesus dos Santos; as meninas Maria da Conceição Andrade de Carvalho, filha do sr. João Evangelista Andrade de Carvalho, ausente em Luanda, e Laura dos Santos Travesso, filha do sr. Ricardo André Travesso; e os meninos Joaquim Manuel, neto do sr. Joaquim António Vieira, José Luís Cabaço dos Reis de Oliveira, filho do sr. Carlos dos Reis de Oliveira, residente em Lisboa, e António André Nunes.

Em 4 — A sr.a D. Lígia Patoilo da Cruz Brandão, esposa do Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra sr. Doutor Mário Brandão; o sr. Firmino de Vilhena Camelo Ferreira; e os meninos Carlos Pimentel de Matos, filho do sr. Carlos Júlio Pimentel de Matos, e Mário José, filho do sr. Mário Artur Rebelo de Almeida Araújo.

Em 5 — As sr.as D. Maria da Cruz, mãe do sr. Dr. José da Cruz Neto, e D. Maria Júlia de Almeida d'Eça Soares, esposa do sr. Joaquim Silveira; os srs. José Nunes da Graça e António Pinto Bastos, ausente no Brasil; e a menina Maria Margarida Guimarães Marcela, filha do sr. prof. António dos Santos Marcela.

Em 6 — As sr.as D. Bebiana de Resende Vieira, D. Maria Isolina Pinto, filha do sr. Alberto Vaz Pinto, e D. Rosa de Oliveira Lemos, esposa do sr. Abel de Lemos; os srs. Coronel Gaspar Inácio Ferreira, Presidente da Câmara Municipal de Albergaria-a-Velha e da Junta Autónoma do Porto de Aveiro, Dr. Manuel Soares, António Augusto Branco, João de Carvalho Júnior e João dos Santos Baptista; e as meninas Maria Fernanda, filha do sr. Raul Seixas, e Mary Carmen de la Conception Ruiz Honrubia Pilar Gomes.

Em 7 — A sr.a D. Dora de Resende Ferreira Machado, esposa do sr. Dr. Romão Machado, e seu filho, o estudante Francisco Manuel; a sr.a D. Rosa de Jesus Branco, esposa do sr. Adriano Amorim dos Reis, aveirenses ausentes em Luanda; e o menino Jacinto Pereira dos Santos, filho do sr. Jacinto dos Santos Baptista.

Em 8 — As sr.as D. Isaura de Seabra Vieira Liberal, esposa do sr. Manuel Marques Liberal, e D. Dalila Beatriz Ala dos Reis, filha do sr. Domingos João dos Reis Júnior.

Arcebispo de Cízico

Esteve em Aveiro, na passada segunda-feira, o sr. D. Manuel Ferreira da Silva, venerando Arcebispo de Cízico.

Arcebispo de Mitilene

Na quarta-feira, antes de seguir para Lisboa, esteve também nesta cidade o sr. D. Manuel dos Santos Rocha, venerando Arcebispo de Mitilene, que veio passar uns dias de férias na sua casa de Calvão.

CASAMENTO

No sábado passado consorciaram-se, na Basílica de Fátima, a sr.a D. Maria Paulina da Cruz Almeida, filha da sr.a D. Maria de Lourdes da Cruz Vinagre e do sr. José Ferreira de Almeida, e o antigo e valoroso desportista e nosso colaborador Virgílio Dinis de Carvalho Catarino, filho da sr.a D. Antónia Ferreira Canha de Carvalho e do saudoso Virgílio Ferreira Catarino.

Presidiu à cerimónia o Rev.o Padre Manuel de São Marcos, pároco de Tamengos, e serviram de padrinhos: pela noiva, a sr.a D. Maria Irês Ferreira Gamelas e o sr. Carlos Manuel Gamelas; e, pelo noivo, a s.a Dr.a D. Maria Natália Malaquias Pereira e o sr. António Martins Pereira.

Ao novo lar desejamos as maiores felicidades

HUMANIDADES

ARTIGO DE JAIME BORGES

DUAS humanidades a gravitar no mesmo globo. Iguais na substância, diferentes no pensamento e no carácter. São homens e mulheres de rostos brancos ou tisnados, cabelos negros ou louros, altos e baixos de grandes olhos azuis ou de pequenos olhos negros. Distingue-os e separa-os um muro invisível: o tempo. Uma desenvolveu-se na era passada por entre maneiras doces e ares pesados, em passadas monó onas e vagas; a outra nasceu nesta Era Atómica, desenvolta e de ideias fáceis, dada a todos os empreendimentos e realizações, de maneiras livres e intrometidas.

Os aspectos de cada uma são diferentes entre si. Os pensamentos não serão totalmente antagónicos; todavia, chocam-se, muitas vezes, a provocar ressentimentos em ambas as partes.

A última humanidade, filha da antecedente, trouxe-lhe em heranças o desejo desbravador e a revolta contra desumanidades. Mas tomou ainda outras ideias inerentes à sua capacidade selectiva e ao desejo de viver consigo própria.

O tempo traz novas concepções, novas ideias, novos deveres, novas humanidades. São os mesmos espíritos, mas passaram, pela acção do tempo.

Perecerá uma; a outra continuará com uma nova vida, diferente da primeira que lhe deu o ser.

Se a compreensão nem sempre habita com essas humanidades, isso deriva dos entraves que cada uma põe à impetuosidade da sucessora que tem na alma o desejo de começar cedo os seus empreendimentos.

Mais tarde, depois de muitos terem pisado este planeta, quiçá noutro planeta, uma humanidade deixará empreender liberalmente a sua sucessora mais nova — e então talvez se confundam numa humanidade única, aperfeiçoada e feliz.

Tavares & Santos, L.da

AVEIRO

Por escritura de 3 de Dezembro de 1959 das notas deste Cartório, Livro n.º 456, fls. 45 v., foi constituída entre António Tavares dos Santos e Augusto Lopes dos Santos, casados, moradores em Rua da Arrochela, 29, em Aveiro, e na Presa, freguesia da Glória, de Aveiro, respectivamente, uma Sociedade comercial, nos termos dos Artigos seguintes:

1.º

Esta Sociedade adopta a firma Tavares & Santos, L.ª, e fica com a sua sede e o seu estabelecimento na freguesia de Esgueira, da cidade de Aveiro.

2.º

O seu objecto é o exercício do comércio de bebidas, café, pastelaria, e a exploração dum restaurante — podendo vir a ser ainda outro qualquer ramo de comércio, que resolva explorar, dentro dos limites da Lei.

3.º

A sua duração é por tempo indeterminado, e, para todos os efeitos, o seu começo se contará a partir de 1 de Janeiro de 1960.

4.º

O capital social é do montante de trinta mil escudos — em 2 quotas de 15 000$00 cada uma, subscritas uma por cada um deles sócios; e acha-se já todo realizado, em dinheiro, e em Caixa.

5.º

A cessão de quotas a estranhos fica dependente de consentimento da Sociedade, a qual terá sempre o direito de preferência, também, na sua aquisição, tendo-o em segundo lugar qualquer dos sócios.

6.º

É dispensada a autorização especial da Sociedade para a cessão de parte de uma quota a favor de um associado, bem como para a divisão de quotas por herdeiros de sócios.

7.º

A Sociedade será representada, em Juízo e fora dele, activa e passivamente, por qualquer dos dois sócios aqui outorgantes, os quais ambos ficam nomeados gerentes —, sem retribuição e sem caução, e qualquer deles podendo, por si só usar da firma social e responsabilizar a Sociedade.

8.º

Os lucros líquidos que resultem do balanço anual, deduzida a percentagem legal para o fundo de reserva, enquanto este não estiver realizado, ou sempre que for necessário reintegrá-lo, serão divididos pelos sócios na proporção das suas quotas, e, sem prejuízo de qualquer outra deliberação, distribuídos no fim de cada ano, em seguida à aprovação dos balanços. — E as perdas que porventura haja, serão suportadas na mesma proporção pelos sócios.

9.º

Se a Sociedade vier a carecer de mais fundos, serão estes fornecidos em aumento do capital, ou por empréstimo, pelos sócios ou por outrem, conforme se resolver em reunião, por maioria de 3/4 dos votos de todo o capital.

10.º

Salvos os casos para que a lei exija outros requisitos, as Assembleias Gerais serão convocadas por carta registada dirigida aos sócios, com 8 dias de antecedência, pelo menos.

11.º

No caso de falecimento de um sócio, os seus herdeiros exercerão em comum os direitos do falecido, enquanto a quota respectiva se achar indivisa; mas, no caso de pluralidade, designarão um que a todos represente perante a Sociedade.

12.º

Esta Sociedade não se dissolverá nem pela vontade, nem pelo falecimento ou interdição de um sócio, e apenas se dissolverá nos casos marcados no Art.º 42.º da Lei de 11 de Abril de 1901.

13.º

O ano social é o ano civil.

14.º

Em tudo o mais aqui não previsto regularão as disposições legais aplicáveis e as deliberações tomadas em reunião dos sócios.

— ESTÁ CONFORME.

Cartório Notarial, Ilhavo, 12 de Dezembro de 1959

O Notário,

Joaquim Tavares da Silveira

Vende-se moto A. J. S. 3,5 H. P., modelo 1953, em estado de nova. Tratar com Felicíssimo Carvalheira — Barra — Gafanha da Nazaré.

SKODA — mod. 440 - 1958

Vende-se, em magníficas condições. Falar nos escritórios de: Dr. Álvaro Neves ou Dr. Mário Gaioso, em Aveiro.

Farmácia em Ilhavo

Vende-se ou dá-se de arrendamento.

Falar nesta Redacção.

DESPORTOS

CONTINUAÇÕES DA ÚLTIMA PÁGINA

F U T E B O L

F. C. do Porto — Beira-Mar

sorte, pois: obteve um outro tento que foi mal invalidado.. Correia, após um *penalty* não assinalado por carga sobre Diego, rematou a um poste... o árbitro — numa atitude verdadeiramente inaudita e que provocou geral repulsa, muitos risos e um demorado coro de protestos (apesar de toda a Imprensa calar o sucedido...) — negou-lhe um castigo máximo, depois de assinalar a falta e de se dirigir para a marca respectiva (derrube de Monteiro da Costa a Correia), permitindo que os portistas reatassem de forma irregular a partida, então parada para a execução do *penalty!!!*... e Diego falhou ainda, à boca das redes, por cabecear ao lado, um primoroso toque de Correia, que bateria Acúrsio, que se ausentara dos postes...

Resumindo e concluindo: vitória certa dos campeões da I Divisão; números exagerados e imerecidos; actuação a todos os títulos notável do Beira-Mar, posto que a equipa apenas lutou briosamente para se exibir bem, o que foi pena...; e arbitragem incerta, que prejudicou os aveirenses, influindo no resultado final.

Arbitrou o bracarense João do Vale, auxiliado por Carlos Silva (bancada) e Amadeu Martins (peão) e os grupos apresentaram:

F. C. PORTO — Acúrsio; Virgílio, Paula e Barbosa; Pedroto e Monteiro da Costa; Perdigão, Hernâni, Teixeira, Montaño e Humaitá.

BEIRA-MAR — Violas; Brito, Liberal e Evaristo; Marçal e Hassane Aly; Raimundo, Mota, Correia, Diego e Moyano.

OS GOLOS — 1.ª parte: 5-0. *Teixeira*, de livre com a colaboração de Diego, aos 20 m., *Humaitá*, aos 21 e aos 44 m., e *Brito*, nas próprias redes, um lance infeliz, aos 39 m..

2.ª parte: 4-1. *Humaitá*, aos 6 m., *Correia*, aos 22 m., *Montoño*, aos 31 m., e *Hernâni*, aos 37 e 41 m..

OS MELHORES — No Porto, Montaño, Acúrsio, Humaitá, Hernâni e Paula; no Beira-Mar, Marçal, Liberal, Mota, Diego e Evaristo.

TORNEIOS DISTRITAIS

I DIVISÃO

16.ª jornada

CESARENSE-LUSITÂNIA . 1-0
PEJÃO-RECREIO 4-1
V. ALEGRE-CUCUJÃES . . 2-0
ANADIA-OVARENSE . . . 1-0
ARRIFANENSE-FEIRENSE 2-0

Mapa da Classificação Geral

CLUBES	J	V.	E.	D.	Bolas	P.
Feirense .	16	12	1	3	54 - 15	41
Arrifanense	16	9	5	2	28 - 13	39
Ovarense .	16	11	1	4	36 - 14	39
Pejão . . .	16	9	4	3	41 - 25	38
Recreio .	16	9	1	6	29 - 29	35
Lusitânia .	16	5	2	9	19 - 24	28
V.-Alegre .	16	5	1	10	15 - 35	27
Cucujães	16	4	2	10	22 - 39	26
Cesarense.	16	3	3	10	26 - 43	25
Anadia . .	16	2	2	12	7 - 40	22

Jogos para domingo

Arrifanense-Cesarense (1-), Lusitânia-Pejão (2-2), Recreio-Vista-Alegre (2-1), Cucujães-Anadia (2-0) e Feirense-Ovarense (0-1).

RESERVAS

16.ª jornada

ARRIFANENSE-FEIRENSE 2-1
CESARENSE-BEIRA-MAR . *

* Adiado, para data a indicar, a pedido do Cesarense. Assim, encontram-se em atraso quatro desafios.

CLASSIFICAÇÕES

Série A

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Sanjoanense	7	6	—	1	27-9	19
Feirense	8	5	—	3	21-10	18
Espinho	8	4	—	4	23-24	16
Pejão	8	4	—	4	20-24	16
Arrifanense	8	3	—	5	10-23	14
Lusitânia	9	2	—	7	13-24	13

Série B

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Oliveirense	6	6	—	—	22-3	18
Recreio	6	3	1	2	15-9	13
Ovarense	8	2	1	5	7-22	13
Beira-Mar	4	2	—	2	14-6	8
Cesarense	6	1	—	5	3-19	8

Jogos para domingo

Lusitânia-Pejão, Recreio-Oliveirense e Espinho-Sanjoanense.

JUNIORES

2.ª jornada

LUSITÂNIA-ESPINHO . . . 0-5
LAMAS-FEIRENSE 1-2
OVARENSE-OLIVEIRENSE 0-0
RECREIO-BEIRA-MAR . . 7-1

Os jogos *Arrifanense-Sanjoanense* e *Estarreja-Cucujães* não se realizaram, porque o Arrifanense foi forçado a uma falta de comparência em virtude das inscrições dos seus atletas não poderem ser consideradas, por determinação superior — o que, naturalmente, impedirá a equipa de competir na corrente época; e porque o Estarreja, por idênticos motivos, desistiu do torneio.

RECREIO, 7 — BEIRA-MAR, 1

Campo de S. Sebastião, em Águeda.

Arbitrou o sr. Henrique Silva e os grupos apresentaram:

RECREIO — Dinis; Américo, António e Abílio; João e Telmo; Pinho, Jorge, João Carlos, Aguiar e Alírio.

BEIRA-MAR — Cete; Abílio, Lourenço e Maio (Cravo); Gamelas e Carapina; Ruano, Vieira, Maia, Carlos e Gino. No 2.º tempo, a equipa jogou com 10 elementos a partir da altura em que Maia ocupou o lugar de Cete (havia 4-1).

Os campeões distritais, com belíssima equipa, obtiveram um resultado surpreendente mas merecido. O *score*, no entanto, subiu demasiado pela infeliz actuação do *keeper* aveirense.

Ao intervalo, havia 2-1. A arbitragem situou-se em bom plano.

CLASSIFICAÇÕES

Série A

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Feirense	2	2	—	—	4-2	6
Sanjoanense	1	1	—	—	11-0	3
Espinho	1	1	—	—	5-0	3
Lusitânia	2	—	—	2	1-6	2
Lamas	2	—	—	2	1-13	2

Série B

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Recreio	2	2	—	—	12-2	6
Beira-Mar	2	1	—	1	5-7	4
Ovarense	2	—	1	1	0-4	3
Oliveirense	1	—	1	—	0-0	2
Cucujães	1	—	—	1	1-5	1

Jogos para domingo

Sanjoanense-Lusitânia e Espinho-Feirense, na *Série A*; e Cucujães-Ovarense e Oliveirense-Beira-Mar, na *Série B*.

Basquetebol

CAMPEONATO DISTRITAL DA I DIVISÃO

SANJOANENSE, 42 — ILLIABUM, 32

Pavilhão dos Desportos.

SANJOANENSE — *Rowett 1, Tavares 2, Palmares 10, Manuel Pinho 19 e Edmundo 10.*

ILLIABUM — *Amílcar 4, Novo 3, Elmano 3, Paroleiro 8, Gouveia 12, Grilo, Vinagre 2, Correia e Vidal.*

A partida de sábado decorreu com sensível equilíbrio — 20 14, ao intervalo — e a Sanjoanense apenas respirou fundo na parte final, quando os ilhavenses, como vai sendo hábito, fraquejaram um tanto.

Percentagem de lances livres transformados: 40% (12 em 30 tentados), para a Sanjoanense; e 30,76% (4 em 13 tentados), para o Illiabum.

Arbitraram Manuel Neves e António Rino.

GALITOS, 32 — SANJOANENSE, 26

Sobre o desafio de anteontem, falaremos, mais de espaço, no próximo número.

Referimos, sòmente, o respectivo resultado final — 32-26 — e o desfecho da partida entre as reservas dos dois grupos: vitória do Galitos por 49-29.

CUCUJÃES — ÁGUIAS

O encontro não se realizou, por falta dos cucujanenses ao seu próprio recinto. Compareceram as equipas de arbitragem e de Mogofores, mas os locais — ao que parece baseando-se numa deliberação tomada quando da efectivação do sorteio — não alinharam.

Aguardamos a solução do caso, sem dúvida de lamentar.

Tabela de Pontos

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Esgueira	10	8	—	2	281-270	26
Galitos	9	8	—	1	304-229	25
Sangalhos	9	7	—	2	292-244	23
Sanjoanense	10	6	—	4	376-321	22
Águias	9	4	—	5	271-314	17
Illiabum	10	3	—	7	285-353	16
Cucujães	9	2	—	7	228-291	13
Estarreja ✣	10	—	—	9	21-36	1

✣ Tem nove faltas de comparência

Para a 11.ª jornada — HOJE. Galitos-Cucujães (30 27), Águias-Esgueira (33-47) e Sanjoanense-Sangalhos (38-43). O Illiabum folga, por falta do Estarreja. Na QUARTA FEIRA, efectua-se o jogo em atraso Sangalhos Galitos (36-55).

XADREZ DE NOTÍCIAS

O Grupo Desportivo de Lourenço Marques cedeu ao Beira-Mar as cartas de desobriga das suas nadadoras Maria José e Arcelina Maria Vidal Rosário, que só poderão representar o clube aveirense durante a sua permanência na Metrópole.

Porque alinham hoje no desafio Sporting-Atlético, do Nacional da I Divisão, alguns dos elementos da Selecção das Forças Aéreas, não se pode efectuar o previsto encontro de futebol entre o Beira-Mar e a referida selecção, que se integraria nas celebrações do 38.º aniversário dos beiramarenses.

No passado domingo, realizou-se, em Ovar, um encontro entre as equipas populares do Centro Recreativo Válega, de Ovar, e Sport Benfica e Eixo, que apresentou os seguintes elementos:

Carlos; Correia, Alfredo e Lourenço; Nelito e Barbosa; Doro, Ramiro, Brasileiro, Calisto e Gonçalves.

O Benfica e Eixo ganhou por 2-1.

No domingo, no Campo da Légua (em Ílhavo), o grupo do Real Desportivo do Alboi, desta cidade, derrotou por 9 0 o Sporting Clube Barreiro, num jogo de futebol entre populares. Pelos aveirenses alinharam: Artur; Fernando, Virgílio e Tito; Filipe e Chico; Calabé, Álvaro, Júlio, Adelino e Nina.

Na penúltima quarta-feira, no desafio Cucujães-Pejão, da I Divisão Regional, os cucujanenses venceram por duas bolas a zero.

Brevemente, a Sociedade Columbófila de Aveiro exporá, numa montra dum estabelecimento da Avenida do Dr. Lourenço Peixinho, os prémios correspondentes aos concursos realizados na campanha de 1959.

Por motivo das recentes interdições de diversos campos, o desafio Cesarense-Lusitânia efectuou-se em Oliveira de Azeméis; e, no próximo domingo, o Lusitânia recebe o Pejão em Lamas.

Jogos da II DIVISÃO para domingo

Na Marinha Grande
MARINHENSE — UNIÃO

Em Peniche
PENICHE — VILA-REAL

Em Espinho
ESPINHO — BEIRA-MAR

Em S. João da Madeira
SANJOANENSE — OLIVEIRENSE

Em Viseu
ACADÉMICO — VIANENSE

Em Chaves
CHAVES — CALDAS

Em Torres Vedras
TORREENSE — SALGUEIROS

Ginástica e Culturismo

a uma prática, regular e convenientemente ministrada, dos pesos e halteres.

Vou tentar dar uma ideia de como a prática dos pesos pode contribuir para o progresso das diversas modalidades desportivas. O atleta, seja lançador, corredor, nadador, ou outro qualquer, atinge, em determinada altura da sua preparação, um ponto em que a sua forma estaciona. A técnica de execução é cada vez mais perfeita e, no entanto, as marcas obtidas estacionam, como que a indicar que o atleta atingiu o limite das suas possibilidades físicas. Ora é precisamente nesta altura que o Culturismo mais faz sentir a sua acção, pela resistência, força e poder explosivo que empresta ao atleta, dando-lhe novas e maiores possibilidades de progredir.

Assim se explica que velhos *records*, julgados inultrapassáveis, ou até mesmo difíceis de igualar, sejam hoje largamente superados, a traduzir o progresso da técnica, conjugada com a força e resistência dos pesos.

José Gil da Silva

DESPORTOS

Secção dirigida por ANTÓNIO LEOPOLDO

Ginástica e Culturismo

OS PESOS E HALTERES NA PREPARAÇÃO DE ATLETAS DE OUTRAS MODALIDADES

ARTIGO DE

José Gil da Silva

CONTINUO hoje a série de artigos que me propus apresentar sobre Ginástica, sempre com a esperança de que aquilo que escrevo entusiasme outros jovens aveirenses e que, portanto, alguma coisa de útil resulte deste trabalho.

O presente assunto desvia-se um pouco da Ginástica pura, tratando outra espécie de fortalecimento físico: a chamada *Ginástica com Resistências*.

Convém lembrar, antes de mais, e para obviar mal entendidos, que não pretendo, de modo nenhum, arvorar-me em professor de Ginástica, nem, tão-pouco, em especialista na matéria de pesos e halteres. Tudo o que aqui digo baseia-se numa experiência de três anos de prática, e no somatório de ensinamentos adquiridos junto de indivíduos com vastos conhecimentos da modalidade.

Dentro dos pesos e halteres, podemos distinguir os levantadores e os culturistas. Os primeiros têm em vista a competição. Os segundos apenas pretendem o desenvolvimento harmonioso do corpo e a sua saúde. E' destes últimos que me irei ocupar, embora duma maneira muito sucinta.

O Culturismo está ainda pouco divulgado no nosso País. No entanto, em certos países estrangeiros, nomeadamente nos Estados Unidos, goza de justificável prestígio.

Entre nós, a modalidade é bastante criticada, por certos indivíduos que teimam em apontar-lhe deficiências como sistema de educação física. Em geral, considera-se o culturista como «homem de força», com falta de flexibilidade, rapidez e descontração. Ora tal ideia é errada. Não discordamos de que, em tempos mais recuados, isso se verificasse, dado que o Culturismo era praticado sem método nem base cientícos.

Depois da Segunda Grande Guerra, o Culturismo passou a fazer parte do programa de treino dos atletas de quase todas — se não todas — as modalidades desportivas. Para tal contribuiu, sem dúvida, o aparecimento de revistas da especialidade e a realização de concursos do género da eleição de Mr. Mniverso e Mr. Europa. Estes concursos exigem dos concorrentes grande desenvolvimento muscular, obrigando-os a procurar novos exercícios e novas técnicas de treino. Influenciados por isto, os treinadores das diversas modalidades desportivas passaram a adoptar esses exercícios na preparação dos seus atletas, com êxito surpreendente. Não se ignora que, actualmente, a maior parte dos atletas deve a sua apurada forma

Continua na página 7

Da minha janela ...

Desportivamente, como em muitas outras facetas quotidianas, Aveiro tem sempre um dito, um caso, enfim, um apontamento que, a mor das vezes, passa de fugida e sem o devido realce. São assuntos que merecem, a nosso ver, um comentário justo e, sobretudo, oportuno. E' nossa intenção enaltecer o meritório e revelar o despropositado. E isto nos propomos levar a efeito, desta janela, aberta de par em par, como convém.

★

1 Depois de alguns anos de actividade, o andebol parece ter terminado, sem beleza, o seu reinado. Após tantas canseiras e alguns sacrifícios, os clubes vêem-se sem Associação. Pelo menos é voz corrente que os dirigentes associativos estão demissionários, ou a um passo disso, o que deplorável, porque, acima de todas e quaisquer razões de ordem puramente pessoal, há uma obra que é necessário continuar. Os clubes interessados hão-de reagir, possìvelmente; mas, para já, fica esta certeza — o andebol não encontrou dirigentes na verdadeira acepção do termo!

2 *Temos uma equipa de futebol. O trabalho ordenado e laborioso dos dirigentes do Sport Clube Beira-Mar, trabalho que já se arrasta há uns anos, vem dando os seus frutos. O popular Clube conta nas suas fileiras com um belo conjunto de jogadores e um treinador honesto e competente.*

Pelo que já fizeram, até ao momento, bem merecem o reconhecimento dos desportistas aveirenses. Nem o resultado do jogo das Antas, um tanto enganador, pode diminuir o que ficou dito. A equipa evolucionou, mesmo assim, de modo agradável e deu-nos a certeza de que há-de continuar a merecer a confiança dos seus numerosos adeptos.

3 A equipa de basquetebol do Clube dos Galitos, como a mais qualificada do Distrito na época transacta, foi indicada pela Federação Portuguesa de Basquetebol para disputar os jogos de competência à I Divisão Nacional. Esta atitude não foi bem aceite pelos restantes clubes que, por isso mesmo, resolveram levar o seu protesto até às entidades superiores. Claro que o prestigioso Clube dos Galitos em nada contribuiu para esta situação. A entidade regional é que podia — e devia — ter tomado outra atitude no Congresso que decidiu a nova orgânica dos campeonatos.

E' que, segundo sabemos, os clubes interessados não foram ouvidos para o efeito — e isso é lamentável — conhecendo-se que, dada a posição geográfica dos principais centros desportivos do Distrito, com muitos quilómetros de deslocações, o campeonato aveirense é único no País, por bastante oneroso.

Enfim, uma decisão infeliz e nada coerente com as resoluções tomadas pelos anteriores dirigentes da A. B. A. e que custou a perda inglória de lugares tão duramente conquistados.

Basquetebol

AVEIRO ficou sem representante NA I DIVISÃO!

No Campo dos Olivais, em Coimbra, e perante boa assistência — da Figueira da Foz deslocaram-se numerosos entusiastas — o Galitos, que eliminara o Boavista, e o Ginásio Figueirense, que ficara apurado finalista pelo sorteio, disputaram a partida decisiva para o apuramento do quarto clube nortenho a ingressar na I Divisão.

Os figueirenses, este ano com a sua turma valorizada com o concurso do Dr. Óscar Carvalho (ex Sport Conimbricense) e de Rigueira (ex Académica), venceram merecidamente, conquistando o direito ao acesso ao torneio máximo.

E assim é que, enquanto Porto e Coimbra possuem, agora, dois clubes na competição maior (Porto, Vasco da Gama, Académica e Ginásio), Aveiro ficou sem qualquer equipa no referido campeonato. Na verdade, das duas colectividades que nos representaram na prova do ano findo, uma — o Sangalhos — foi inexplicàvelmente excluída até da *poule* de apuramento, em virtude da regulamentação aprovada no último Congresso; e a outra — o Galitos — não conseguiu garantir, na citada *poule*, ao menos um dos dois lugares que, laboriosamente, foram obtidos e mantidos brilhantemente na época finda.

E assim é que, infelizmente para o basquetebol regional, ruiu estrondosamente a invejável — e merecida — posição de relevo da bola ao cesto aveirense, caindo-se num ponto e numa situação donde deficilimamente sairá... a manter-se por alguns anos a regulamentação actualmente em vigor...

Pròpriamente sobre o desafio de domingo. Arbitraram, a contento, os portuenses Manuel dos Santos e Altamiro Pinto e os conjuntos apresentaram:

GALITOS, 28 — GINÁSIO, 42

GALITOS — Albertino 1, José Fino 6, Hernâni, Artur Fino 9, Adriano Robalo 2, José Luís Pinho 8, Luís Robalo, Arlindo 2, Pimenta, Feliciano e Júlio.

GINÁSIO — Dr. Óscar Carvalho 3, Nelas 10, Rigueira 10, Lima 12, Joaquim Silva 7, Rafael e José Silva.

No primeiro tempo, houve sensível equilíbrio, e o Galitos, que esteve várias vezes com vantagem (2-0, 4-2, 9-8, 11-10, 13-12 e 17-14), chegou ao descanso com dois pontos menos que o Ginásio: 17-19.

No reatamento, os figueirenses garantiram logo o êxito, passando ràpidamente de 19-17 para 30 18. Algo precipitados e infelizes a lançar, os alvi-rubros descontrolaram-se e enveredaram pela prática de excessivas faltas — o que determinou a desqualificação de seis jogadores (Adriano Robalo, José Fino, Hernâni, José Luís de Pinho, Albertino e Luís Robalo) e ainda saída de outro (Artur Fino), com uma falta insanável. E, deste modo, a equipa veio a terminar a partida só com quatro elementos...

O Ginásio — também com Rigueira e Joaquim Silva desqualificados — venceu bem, dado que actuou com acerto e calma, que lhe permitiram imbuir de intencionalidade os seus lances ofensivos.

FUTEBOL

TAÇA DE PORTUGAL

Tudo sucedeu como esperávamos e nestas colunas referimos na semana transacta. Eliminado o Beira-Mar — antecipadamente, e por força da lógica, derrotado pelos campeões da I Divisão da época finda — os restantes agrupamentos aveirenses conseguiram a almejada passagem à fase seguinte.

Caso curioso, todos eles obtiveram vitórias em casa e empates fora. O Espinho, primeiramente visitante, transformou o 0-0 de Vila Real de Santo António num substancial e inequívoco 7-0 frente ao Lusitano. A Oliveirense, igualando a 2-2 no campo do Caldas, aguentou excelentemente o 2-0 conseguido em Azeméis; o mesmo se pode dizer da Sanjoanense, que, empatando por 0-0 no Montijo, ficou a ganhar pelo seu saldo inicial de 2-1.

O sorteio da segunda eliminatória, efectuado na segunda-feira, não se compadeceu dos clubes de Aveiro, que só remotamente terão ensejo de prosseguir na prova, dada a categoria dos adversários que lhes foram designados: Benfica, à Oliveirense; Sporting (ou Leixões), ao Espinho; e Vitória de Guimarães, à Sanjoanense.

No entanto, como se trata da Taça de Portugal... tudo pode acontecer...

F. C. do Porto, 9 — Beira-Mar, 1

Está fora de causa, neste nosso comentário, a justiça do triunfo dos portistas. Com muitos trunfos pelo seu lado, os portuenses seriam, como anteriormente assinalámos, os apurados lógicos da eliminatória com o Beira-Mar.

Posto isto, e sem mais preâmbulos, entremos já numa análise objectiva dos diversos factores que determinaram a imprevista goleada que surgiu no Estádio das Antas, no pretérito domingo.

Quanto a nós, e embora o F. C. do Porto se exibisse agora de forma completamente diferente em relação do desafio de Aveiro, o resultado *aconteceu* mais por culpa do Beira-Mar do que por mérito evidenciado pelo conjunto portista — que nunca se notabilizou como tal, por falta de médios. E assim foi, de facto.

Sofrendo três golos de rajada, a meio da metade inicial, e numa altura em que, após os primeiros lances — com perdidas dum e doutro grupo —, os amarelos-negros exerciam ligeiro domínio, comandando abertamente na faixa central do campo, a equipa aveirense continuou a perfilhar o mesmo sistema repousado até então exibido, com agrado geral — pois valorizou o espectáculo e demonstrou que a turma sabe jogar futebol do melhor. E, assim, uma vez que a bola era *mastigadíssima* no preciso momento em que os passes rápidos, os chamados *passes de bandeja* se impunham, ao ataque faltou o sentido de perfuração e a intencionalidade necessários para bater o último reduto dos visitados. Enquanto isto, a defesa aveirense nunca foi convenientemente reforçada, dando-se até os seus componentes ao luxo de se aventurarem em incursões vistosas, mas contraproducentes, pois permitiam que os portistas, depois, progredissem à vontade em largos espaços vazios e ameaçassem as redes de Violas.

O *score* ganhou, deste modo, uma expressão imprevista e enganadora, pois a verdade é que 4-2 ou 5-3 ficariam mais a preceito. Os azuis-e-brancos foram, de facto, felicíssimos nalguns dos tentos que conseguiram: dois deles entraram com a bola impelida por beiramarenses... dois outros foram consentidos por manifesto azar de Violas... e o último foi alcançado irregularmente, com Hernâni fora de jogo... E por outro lado, o Beira-Mar actuou com pouca

Continua na página 7

O Beira-Mar em Espinho

Para apoiarem os atletas do Beira-Mar no desafio que no domingo se efectua em Espinho, a contar para a última jornada da primeira volta do Campeonato Nacional da II Divisão, os desportistas aveirenses podem utilizar o comboio especial que partirá de Aveiro às 13 30 horas e regressará às 17.30 horas.

Os bilhetes à venda nos locais do costume, custam 17$50.

ALARME NO BASQUETEBOL!

Na segunda-feira, em Albergaria-a-Velha, reuniram-se os delegados do A'guias do Cértoma, Cucujães, Esgueira, Illiabum, Sangalhos e Sanjoanense — todos os concorrentes ao torneio distrital à excepção do Galitos — para tratarem de importantes assuntos relacionados com o basquetebol distrital.

Ficou decidido oficiar à Associação de Basquetebol de Aveiro pedindo a suspensão imediata do torneio regional e a convocação urgente duma Assembleia Geral Extraordinária para se apreciarem a posição tomada pelo representante aveirense no último Congresso da Federação Portuguesa de Basquetebol — a quem foi remetida uma circunstanciada exposição — e ainda diversas irregularidades ocorridas no decorrer no campeonato em curso.

Litoral
1 - JANEIRO - 1960
ANO SEXTO
NÚMERO 271
AVENÇA